

## **O ESTUDO DE LEITORES EMPÍRICOS CONTEMPORÂNEOS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL: UMA TRADIÇÃO EMERGENTE**

**Richard Romancini**

Mestrando em Comunicação na ECA/USP / Bolsista CAPES

### **Resumo**

O artigo aponta para o interesse pelo estudo de “leitores empíricos”, em trabalhos surgidos na década de 90, analisando os mesmos com o objetivo de perceber com que fins os leitores são mobilizados nas pesquisas e quais os meios utilizados, assim como, os resultados destes estudos. Procura-se, ainda, discernir a estruturação teórica e metodológica das pesquisas, notando como estas opções guiaram a investigação empírica, bem como as estratégias utilizadas nesta fase. O caráter interdisciplinar da pesquisa sobre Leitura é evidenciado e, igualmente, a pouca relação com os autores ligados à vertente dos estudos de recepção em comunicação.

### **Palavras-chave: Leitura, pesquisa sobre leitura, leitores empíricos**

O estudo de leitores empíricos contemporâneos a partir de uma perspectiva sociocultural: uma tradição emergente  
Richard Romancini

### **1. Introdução**

No curso de uma investigação que ora realizamos<sup>1</sup> tivemos a grata surpresa de ver que um de nossos supostos era infundado. Imaginávamos que a pesquisa brasileira sobre “leitores empíricos” contemporâneos, a partir do que chamaremos de um ponto de vista sociocultural, havia sofrido uma interrupção desde o importante trabalho de Bosi (1978). No entanto, a pesquisa bibliográfica fez ver a existência de trabalhos que voltam a tematizar, com ênfase, os leitores dentro do circuito do livro e das dinâmicas da cultura – constituindo, assim, uma interface com a área da comunicação, quando não realizados dentro deste campo.

Com efeito, ressaltamos que a delimitação de nosso âmbito de interesse diz respeito aos estudos nos quais “leitores empíricos” são mobilizados para ampliar a compreensão sobre

práticas efetivas de apropriação do impresso, *situadas em determinado contexto social e cultural*. É aqui reside a proximidade com a tradição de “estudos de recepção” em comunicação, nos quais são feitas análises dos processos de comunicação derivados de determinada mensagem. Assim, interessa, nas vertentes mais atuais dessa área, interrogar o pólo da recepção, articulado, conforme o grau de complexidade da investigação, às relações de produção e circulação, para “estudar em profundidade os processos reais através dos quais os discursos dos meios de comunicação são assimilados pelos discursos e práticas culturais das audiências” (Jensen, 1993, 170).

Há neste tipo de abordagem alguma sintonia com correntes literárias preocupadas com o leitor<sup>1</sup>, principalmente com a sociologia da leitura – na qual, por exemplo, podemos alocar o trabalho de Bosi – e sua preocupação em perceber “o fato literário no cotidiano de sua existência, caracterizado por sua circulação e consumo” (Zilberman, 1989, 18). Este enfoque é diversificado, e compreende, entre os que mais nos interessam aqui, esforços de constituição de uma “sociologia da literatura” nos moldes de Escarpit ou propostas de estudo da história do livro como um “meio de comunicação” (Darnton, 1990), considerando tanto a complexidade do circuito comunicativo do livro quanto sua “abertura” às influências externas (contexto econômico, social, intelectual, etc.).

Há nestes dois tipos de tradições de pesquisa (comunicação e sociologia da leitura) uma preocupação com os elementos contextuais que modelam a recepção e sua implicação com as temáticas específicas de pesquisa, daí a opção pela realização de análises com determinados grupos de leitores, ancorando a situação comunicacional em uma dinâmica cultural. É a esta grade de significação que remetemos a um nível de análise que chamamos de “sociocultural”.

O filtro dado pelo termo “leitores empíricos”, por sua vez, marca uma outra delimitação e exige considerações. Nos voltaremos somente para os estudos da atividade de leitura que admitam retorno entre pesquisador e sujeitos pesquisados: isto é, desde o mais baixo nível de mediação (interação pessoal) até aqueles nos quais ainda era possível e necessário produzir o dado (aplicação de questionário, por exemplo), daí o sentido de “contemporâneo” (ao pesquisador) ao qual se associam. Não existe nessa opção um caráter valorativo – enquanto o eco de alguma  $\text{\pounds}$  empirista na “transparência do real” – trata-se, sim, de uma estratégia de ordenação de trabalhos com este nível básico de similaridade. Por outro lado, exclui-se a tentativa de apreender a leitura, exclusivamente, através de textos e protocolos de edição. Pode-se ainda, como se sabe, estudar o leitor empírico por outras vias: cartas, inventários, entre outros, sem

mencionar à já aludida reconstrução do leitor embutido nos textos. O modo aqui escolhido implica entretanto em certas peculiares, que podem aportar contribuições próprias para o estudo da leitura no Brasil, razão pela qual estranhávamos o caráter a um só tempo pioneiro e isolado da pesquisa de Bosi (1978) com leitoras operárias.

Os trabalhos que constituem o *corpus* analítico deste texto sobre a pesquisa com leitores empíricos, no qual procuramos situar esta tendência de pesquisa são variados. Têm em comum o fato de terem procedência acadêmica (dois deles foram publicados, até agora), refletindo diferentes níveis de amadurecimento dos pesquisadores.

Nossa preocupação principal quanto a análise dos trabalhos é perceber com que fins os leitores são mobilizados nas pesquisas e quais os meios utilizados, assim como, os resultados destes estudos e com o grau de coerência com que chegaram a suas conclusões. Procuramos, por conseguinte, discernir a estruturação teórica e metodológica das pesquisas, notando como estas opções guiaram a investigação empírica, bem como as estratégias utilizadas nesta fase.

Por fim, cabe salientar que a análise e comparação entre esses trabalhos não deve, nos parece, ser confundida com um texto que procure traçar um “estado da arte” da pesquisa sobre leitores, neste aspecto, principalmente por dois motivos. Em primeiro lugar, o universo do qual se partiu dificilmente satura os campos nos quais este tipo de pesquisa reside, sobretudo por ela transitar por várias disciplinas. Este fato, que dificulta um mapeamento global da produção, será evidenciado no tópico seguinte, assim, devemos ressaltar o caráter exploratório deste levantamento.

Por outro lado, como o universo da pesquisa bibliográfica é bastante amplo, incluímos ainda outros critérios para justificar a escolha de algumas investigações, e a exclusão de outras, na constituição de nosso *corpus*. Estes dividem-se em dois grupos. Os que são diretamente derivados dos critérios básicos aqui expostos ou de ordem mais pragmática. Quanto ao primeiro grupo, escolhemos apenas investigações nas quais é dada uma centralidade, ou forte ênfase, na pesquisa com leitores. Ao mesmo tempo, nossa preocupação com um nível de análise voltado à relação comunicação/cultura e a problemas que possam ser abordados por este viés implicou na exclusão de produções que se encaminham para sondagens, levantamentos ou verificações do hábito da leitura, gostos, preferências, habilidades, desempenho e compreensão na atividade de leitura, questões que possuem vasta produção, principalmente quando voltadas para leitores escolares ou para os presumíveis responsáveis (professores, bibliotecários) pela transmissão de

alguma destas habilidades/características. Neste caso, é interessante notar, não há uma descontinuidade na produção de pesquisas com o uso de investigação empírica com leitores, conforme se observa pelo levantamento feito por Ferreira (1999), pelo contrário, é um ramo de estudos bastante regular.

Outro ponto problemático e que provavelmente torna o *corpus* incompleto é o fato de que muitas investigações estão em zonas de fronteira quanto ao nosso interesse imediato. Assim, se em princípio tenderíamos a excluir trabalhos mais ligados à educação, observamos que alguns voltam-se decididamente para o entendimento da questão da leitura não só no ambiente escolar, mas no contexto cultural cotidiano mais amplo no qual se dá a atividade. Agregamos tais pesquisas, mas somente após ter acesso à íntegra do trabalho, e, uma vez lido, ter observado que correspondiam aos parâmetros formulados.

No entanto, e esta já é a primeira questão pragmática que afeta a composição da amostra bibliográfica, não tivemos acesso a todos os trabalhos em sua integralidade. E apenas pelo título ou pela conjugação de título e resumo, talvez não tenhamos captado todas estas pesquisas nas quais, embora o foco pareça estar claramente voltado para a escola, para a leitura escolar ou outro ponto, há igualmente uma problemática situada em proximidade às análises de foco sociocultural mais típicas, nos termos estabelecidos por nós.

Infelizmente, também ocorreu o oposto, encontramos resumos que indicariam uma provável inclusão neste âmbito de pesquisas<sup>1</sup>, no entanto, não pudemos consultá-las. Um último ponto é quanto à opção, também pragmática, por analisar apenas teses e dissertações, mesmo quando encontramos artigos que pareciam resumir pesquisas mais amplas e próximas a nosso interesse<sup>1</sup>. Optamos por isso principalmente por razões de comparabilidade entre os trabalhos.

Apesar destas questões, acreditamos que a descrição e discussão dos trabalhos levantados indica sem dúvida o crescimento de uma tendência de pesquisa, claramente interdisciplinar, e que pode estabelecer um diálogo com a investigação em comunicação.

## **2. O universo de trabalhos e a composição da amostra - o *corpus* bibliográfico: análise descritiva preliminar e critérios de análise**

A respeito do modo como chegamos aos textos que indicam esse “retorno ao leitor”, inicialmente tivemos acesso ao mapeamento de teses e dissertações da área da comunicação, entre 1994 e 1998, feito na pesquisa NUPEM/COMPÓS (Lopes, 2001). Ao mesmo tempo,

utilizamos serviços de busca na Internet de bibliotecas de Universidades brasileiras (utilizando como termos de busca “leitor” ou leitura”, por exemplo), consultamos a coleção completa da revista *Leitura: Teoria e Prática* (nº 0, dez. 1982/nº 35, jun. 2000) e também recebemos indicações de colegas<sup>1</sup>.

Chegamos, depois de utilizar estes meios, aos trabalhos de Ferreira (1999 e 1999a), que arrolam e discutem a produção discente dos programas brasileiros de pós-graduação em Letras/Linguística, Biblioteconomia, Comunicações, Educação e Psicologia sobre leitura, entre os anos de 1980 a 1995. A autora utiliza os resumos dos trabalhos como base para descrever a trajetória do campo de conhecimento dedicado à temática. Lista 189 trabalhos (156 dissertações e 33 teses), e propõe uma classificação dos mesmos a partir de sete tipo de entrada, na nomenclatura adotada, “focos de interesse” dos pesquisadores: 1) compreensão/desempenho em leitura (com 76 trabalhos), 2) proposta didática e análise do ensino de leitura (61), 3) leitores - preferências, gostos, histórias e representações (25), 4) leitores - preferências, gostos, histórias e representações: o caso do professor/bibliotecário como leitor (15), 5) texto de leitura usado na escola (8), 6) memória da leitura, do leitor e do livro (6) e 7) concepção de leitura (3).

Esta sistematização foi útil para nossos objetivos, mas, igualmente, acabou reforçando a dificuldade e talvez os limites, no momento, de levantamentos globais. Isso porque ao cruzarmos os dados da pesquisa NUPEM/COMPÓS (apenas em comunicação) com os de Ferreira observamos que pesquisas que certamente poderiam ser recobertas por este trabalho não o foram, enquanto outras talvez não tenham sido em função dos critérios adotados<sup>1</sup>.

No primeiro caso trata-se, provavelmente, de problema relativo à recuperação/coleta do dado – questão, aliás, discutida pela autora quanto às dificuldades desta etapa (Ferreira, 1999: 24-25). Quanto ao segundo ponto, o que se coloca é o entendimento sobre o que é a pesquisa em leitura. Não seria aqui o espaço para discutir em profundidade este aspecto – assim como, a constituição das categorias por Ferreira –, mas, especificamente quanto a área da comunicação, pode-se ressaltar que existe uma significativa produção sobre a produção editorial, o livro e a leitura com uma clara interface com a pesquisa sobre leitura (vide nota 6).

Nos parece, então, que, a despeito dos inegáveis méritos do trabalho de Ferreira, ele parece sugerir complementações advindas das próprias áreas – inclusive com uma ampliação das mesmas. Nota-se que a não inclusão dos programas de História e Ciências Sociais faz com que,

provavelmente muitas investigações não sejam cobertas por ela. Pesquisas parciais poderão ser mais acuradas, agregando mais dados sobre a pesquisa na área.

Finalmente, o *corpus* da análise é constituído pelos seguinte trabalhos (em ordem cronológica):

1. *Leitores sem textos*. 1990. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras - UFRJ, de Maria das Graças Rodrigues Paulino. (Orientador: Manuel Antônio de Castro.)
2. *Os usos sociais da escrita no cotidiano de camadas populares*. 1991. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação - UFMG, de Marildes Marinho Miranda. (Orientadora: Magda Becker Soares.)<sup>1</sup>
3. *As leitoras indiscretas visitam as bancas*. 1994. Dissertação de mestrado. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes - USP, de Paulo Sérgio Silva. (Orientador: Celso Loge.)
4. *Educação e sedução: normas, condutas, valores nos romances de M. Delly*. 1995. Tese de doutorado: Faculdade de Educação - USP, de Maria Tereza Santos Cunha. (Orientadora: Jerusa Vieira Gomes.)<sup>1</sup>
5. *O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries*. 1998. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação - UFRJ/IBICT, de Lígia Maria Moreira Dumont. (Orientadora: Nice Menezes de Figueiredo.)
6. *Um best-seller na mira do leitor: “O alquimista”, de Paulo Coelho*. 1998. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH - USP, de Octacília Rodrigues de Freitas. (Orientadora: Lígia Chiappini Moraes Leite.)
7. *Práticas de leitura na escola e nas famílias em meios populares*. 1999. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Educação - UFMG, de Maria Jaqueline de Grammont Machado de Araújo<sup>1</sup>. (Orientadora: Maria das Graças de Castro e Sena.)

8. *Leituras e leitores: a magia das letras, imagens e vozes*. 1999. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: Faculdade de Educação – UFJF, de Regina Barra Tarocco. (Orientadora: Geysa Silva.)<sup>1</sup>

Destes 8 trabalhos, a metade situa-se de 1990 a 1995, no entanto, nenhum destes foi agrupado no trabalho de Ferreira (1999), provavelmente pelos motivos já expostos. Ainda que não seja possível fazer extrapolações sobre os dados, alguns aspectos merecem ser destacados:

- A forte presença de trabalhos vindos de Faculdades de Educação (4), seguidos pelos da área de Letras e Comunicação (ambas com 2). O fato deste tipo de pesquisa, enquanto um subconjunto do tema *Leitura*, realizar-se em diferentes áreas evidencia seu caráter também interdisciplinar.
- A relativa variedade institucional dos estados que geram esta produção: 2 são do Rio, 3 de São Paulo e outros 3 de Minas Gerais. Sabendo-se que os 2 do Rio tiveram a pesquisa de campo realizada em Minas, a importância deste estado cresce, e percebe-se ainda maior variedade estadual em função do trabalho de Cunha ter realizado o campo em Santa Catarina.
- Este tipo de estratégia de pesquisa com leitores é utilizada nos dois níveis da pós-graduação. No caso dos trabalhos citados, as dissertações são em número de 5 e as teses, 3.
- A leitura das classes populares e dos “leitores comuns” é destacada como objeto de estudo, assim como a literatura excluída da cultura hegemônica (romance feminino, Paulo Coelho).
- Apesar da cautela necessária, sustentamos a idéia de que existe a emergência de uma tradição de pesquisa com leitores empíricos, nos termos expostos, na década de 90, quando surgiram todos os trabalhos acima e outros (ver nota 3). Os leitores são pesquisados também durante a década de 80, no entanto, o centro da investigação é principalmente a escola e a biblioteca, e geralmente com outros interesses (desempenho, compreensão, etc.).

Quanto ao lugar que estes trabalhos poderiam ocupar na classificação proposta por Ferreira, parece claro que a maioria, senão todos, estaria no foco sobre “leitores: preferências, hábitos, interesses, histórias de vida e representações”, nos quais os estudos voltam-se para o leitor “através do mapeamento de seus interesses, gostos, preferências, expectativas, hábitos, representações, condições de leitura e de estudo, critérios de seleção de obras” (Ferreira, 1999, 91-92). A análise feita por Ferreira sobre o desenvolvimento desta linha de pesquisa, vista a partir de três momentos, reforça nosso argumento quanto à importância da década de 90, nas pesquisas com leitores com as características aqui privilegiadas:

*Nos anos de 80 a 85 encontram-se dissertações e teses que, focalizando o leitor na escola e nas bibliotecas públicas, discutem preferências, hábitos, interesses e os fatores que interferem na formação desse leitor. De 86 a 90 persistem pesquisas nessa perspectiva, mas surgem outras que se voltam para a discussão da formação do leitor, discutindo-a e rastreando as relações históricas entre literatura, educação e cultura. No terceiro período, o leitor é, além das outras perspectivas, estudado pelas imagens e representações construídas por ele em suas relações com a leitura, com o livro e com outros leitores. Ferreira (1999, 93)*

É possível pensar (a classificação de Ferreira admite mais de uma entrada) que o trabalho de Cunha também estivesse no foco sobre “memória da leitura, dos e do leitor”, devido a seu caráter historiográfico ou que os trabalhos de Miranda, Araújo e Tarocco fossem inseridos em algum dos focos mais ligados à educação. No entanto, é clara, mesmo nestes trabalhos a preocupação de estudar o leitor em seu contexto de recepção.

Observa-se nos trabalhos arrolados uma clara distinção entre os que se voltam para a análise de *práticas específicas de recepção* (Silva, Cunha, Dumont e Freitas), aproximando-se do estudo de caso de recepção, e os que se dirigem para as *práticas de leitura de modo geral* (Miranda, Araújo e Tarocco). A pesquisa de Paulino coloca-se num espaço intermediário, por motivos que exporemos adiante. Assumimos, num primeiro momento, esta distinção, nos dois quadros-resumo, que se seguem (colocando o trabalho de Paulino, para efeito de simplificação, junto ao segundo grupo).

Os quadros foram construídos a fim de sinteticamente pudéssemos descrever as pesquisas, isolando os elementos de mais interesse. Dessa forma, nos preocupamos em 1) *Caracterizar a pesquisa como um todo* quanto a: 1a) os objetivos manifestados pelos autores para a feitura da investigação; 1b) apontar a “perspectiva teórica” base do trabalho, isto é, o campo teórico *principal* ao qual se apela para cumprir os objetivos propostos; 1c) os autores e respectivos conceitos incorporados (por razões de clareza, restringido-se aos mais importantes para o trabalho), anotando o(s) “modo(s) de leitura” verificados. Distinguimos esta categoria em dois tipos de leitura: “extensiva” e “intensa”, a primeira remete a uma verificação *sobretudo* quantitativa das incorporações bibliográficas – o número de autores citados, presentes em referências incidentais ou não, bibliografia, etc. –, já a “leitura intensiva” vincula-se não ao



número de apropriações, mas à reflexão a partir dos trabalhos e conceitos dos autores apropriados<sup>1</sup>. Por fim, terminando esta apresentação dos trabalhos, 1d) registramos as conclusões dos autores.

A seguir, nos voltamos para a 2) *pesquisa empírica com leitores*, e nela 2a) buscamos perceber o “método técnico” da investigação, que operacionalizou a coleta de dados e também as razões apontadas pelos autores para sua escolha; 2b) descrevemos o modo como a investigação empírica acopla-se ao trabalho de modo global, entendendo por AC+AR, trabalhos nos quais utiliza-se num modelo usual da pesquisa de recepção em comunicação (ver Jensen, 1993), quando os pesquisadores desenvolvem análises de conteúdo do material cuja recepção se analisa, antes, depois ou concomitantemente ao estudo do público. Nem sempre, porém, as pesquisas restringem-se a este modelo, utilizamos então termos mais descritivos. Depois, 2c) registramos os critérios de amostragem dos sujeitos pesquisados e 2d) as técnicas para a pesquisa empírica. Na última coluna, 3) evidenciamos qual o uso e o conhecimento da pesquisa sobre leitura realizada no Brasil demonstrado pelos autores dos trabalhos abordados. Esta preocupação dirige-se a mostrar a, por assim dizer, “rede de intertextualidade” construída nesta área por cada um dos pesquisadores quanto à pesquisa local.

Por fim, duas observações: a análise se concentra basicamente na metodologia, no plano da prática da pesquisa, do conjunto de trabalhos. A partir de Lopes (1990, 87), utilizamos uma “noção ampla e não tecnicista de método, [na qual] este aparece como uma série de opções, seleções e eliminações que incidem sobre todas as operações metodológicas no interior da investigação”. Por outro lado, devido aos limites de um artigo e ao número de pesquisas envolvidas é inviável atingir um alto nível de detalhamento na análise<sup>1</sup> – objetivamos com os quadros que se seguem, pelos menos quanto à descrição dos trabalhos, remediar em parte o problema.

## **Quadro I - Pesquisas sobre práticas específicas de leitura**

<i>Trabalhos</i>	<b>Pesquisa como um todo</b>				<i>Investigação empírica com le</i>
	Objetivos	<b>Perspe c. teórica base</b>	<b>Princip. autores incorporados – modo de leitura</b>	<b>Conclusões</b>	<b>“Método técnico” / razão justificativas</b>
<i>Silva (1994)</i>	Entender o fenômeno social da leitura de romances femininos (séries como Sabrina). (p. 1)	Psicologia Social	Adorno (ind. cult.), Aristóteles (catar-se), Jung (herói), Freud (caráter de fantasia da lit.)  <i>Leit. extensiva</i>	Leitoras têm necessidade de fantasia, leitura produz prazer consolador que funciona como “reificador do macrocosmo social”. (pp. 157-163)	<i>“Pesquisa qualitativa”</i> – “fe empírico permite [aprofundar [n]a análise indivíduo concreto considerando a imbricação ent as relações grupais, linguagem e pensamento, ações na definição características fundament para a análise psicossocial”. (21)

<p><i>Cunha</i> (1995)</p>	<p>Estudar o romance de M. Delly como dispositivo de educação feminina; fonte de representações de normas, condutas e valores, passíveis de educar e seduzir. (pp. 2-3 e p. 7)</p>	<p>História Cultural</p>	<p>Chartier (apropriação, materialidade do livro), Darnton (livro e história), Berger &amp; Luckmann (socialização)  <i>Leit. extensiva e intensiva</i></p>	<p>M. Delly funcionou como forma de educação/ “socialização secundária”, interiorizando normas, valores e condutas; embora não se possa falar em absorção total, leitura ofereceu principalmente evasão, trabalhando com a universalidade das emoções. (pp. 238-244)</p>	<p>História Oral – “busco n testemunhos pessoais u complemento para exemplifi os diferentes discurs provenientes da leitura de u mesmo texto [...] suas [c entrevistas] inserções trabalho visam ilustrar cor uma multiplicidade de sujei se apropria de maneira dive de textos escritos”. (p.10)</p>
--------------------------------	--	--------------------------	---	--	---

<p><i>Dumont</i> (1998)</p>	<p>Avaliar os prováveis efeitos da leitura de romances de série sobre o leitor. (p. 7)</p>	<p>Infor- mação Social</p>	<p>Chartier (apropria-ção, circ. da cult.), Eco (lit. pop.), Gurvitch (determi- nismos), Garfinkel (etnometodolo- gia)  <i>Leit. extensiva e intensiva</i></p>	<p>Ainda que de forma enviesada e embutindo determinismos sociais, os livros trazem benefícios (novas informações, lazer, desenvolvimento da criatividade, entre outros). (pp. 218-235)</p>	<p>Etnometodologia – “verifi- através do ato de ler romanc publicados em série, o senti social que o sujeito e colocando nesta ação [...] esse tipo de literatura e contribuindo para a s alienação ou se, ao contrár possibilita de alguma forma construção de um sujeito liv questionador e criativo” 146), “proposta etnometodologia é investir estudo da atitude natural da vi cotidiana”, assim, pode contribuir para entender o ; da leitura e seu papel na vi das pessoas. (p. 165)</p>
<p><i>Freitas</i> (1998)</p>	<p>Entender o fenômeno editorial Paulo Coelho (p. 14), o que faz com que uma determinada obra se torne um <i>best-seller</i>. (p. 144)</p>	<p>Explici- -tação insufic- i-ente</p>	<p>Adorno, Chartier, Darnton  <i>Leit. extensiva</i></p>	<p>As instâncias do mercado e do público leitor determinam-se mutuamente. (p. 144)</p>	<p>“<i>Pesquisa quantitativa</i>” “busquei [por meio da pesqu empírica] investigar um lei brasileiro que me ajudasse entender a natureza do m projeto.” (p. 65)</p>

**Quadro II - Pesquisas sobre práticas de leitura de modo geral**

<b>Níveis / Trabalhos</b>	<b>Pesquisa como um todo</b>				<b>Investigação empírica com</b>
	Objetivos	<b>Perspe c. teórica base</b>	<b>Princip. autores incorporado s – modo de leitura</b>	<b>Conclusões</b>	<b>“Método técnico” / ra justificativas</b>

<p><i>Paulino (1990)</i></p>	<p>Produzir modelo de legibilidade ficcional, levando em conta recepção de grupos populares (p. 1), refletir sobre “interação texto/ leitor em termos concretos, assim como à sua falta como um problema”. (p. 17)</p>	<p>Teoria Literária</p>	<p>Iser e Jauss (es-tética da recepção), Kato (psico-lingüística), Peyart (socio. lit.)</p> <p><i>Leit. extensiva e intensiva</i></p>	<p>Produção literária para iniciantes deve incluir modelo teórico de legibilidade e sedução, mas sem “transformar diferenças de gosto em idiotice”. Não se chega a “receita de produção para os leitores sem textos, porque é um trabalho em curso, pesquisa contínua”. (pp. 180-184)</p>	<p>“Estudos de casos” – pretensão quantitativa” (p. “minha pesquisa tentou transformar os leitores em seu dia a dia recuperando parcialmente concretude de suas vidas ou sem leitura literária. Tentei recorrer contra estaticidade de uma teoria e fechada demais”. (p. 83)</p>
------------------------------	--	-------------------------	---	---	--

<p><i>Miranda</i> (1991)</p>	<p>“Simplificadamente, o que nos interessa é [estudar] a circulação de material escrito e os seus usos nas relações sociais” (p. 34), no contexto de uma Vila (favela).</p>	<p>Antropologia</p>	<p>Bourdieu (“popu-lar”, ling. / rel. de poder), Berger &amp; Luckmann (ling. / constr. soc.), Chartier (representações)  <i>Leit. extensiva e intensiva</i></p>	<p>Grupo lê (+) e escreve (-) no coti-diano, <i>mais</i> que imaginado, numa gama de níveis e práticas; leitura não implica em posse de livros; hipótese de que há vários usos do impresso, mas dos mesmos textos, daí a relação da leitura com real; escola é responsável por construção de concepções sobre escrita. (pp. 189-199)</p>	<p>Etnografia – “Em decorrência da propos-ta de busca: significado das represent-ta do ponto de vista do out que optei por uma metodo que propici-asse apreend cotidiano das relações s que engendram significado” (p. 12). Articulação entre linguagem/ un social do pesquisado/e como objeto cultural. (p. 32)</p>
<p><i>Araújo</i> (1999)</p>	<p>Compreender a concepção de leitura da escola e sua relação com as práticas de leitura do ambiente familiar, analisando turma de alunos de escola pública (p.18).</p>	<p>Educação</p>	<p>Bakhtin (linguagem), Soares e outros (letramento), A..M. Chartier (leit. e escola)  <i>Leit. extensiva e intensiva</i></p>	<p>A representação que a escola tem sobre alunos nem sempre corresponde à realidade, por desconhecer práticas de leitura na família (resquício de teoria do déficit cult.); família legítima dis-curso escolar, busca adaptar-se a ele: escola é uma mediação fundamental na formação de leitores. (pp. 172-178)</p>	<p>Estudo de caso – “investi; recaia sobre caso parti embora não fosse singular’ contempla “possibili apontadas pelo objeto estudo, por visar a desco enfatizar a ‘interpre-taçã contexto’, buscar retratar a lidade em sua multiplicida dimen-sões com utilizaçã variadas fontes de informa utilizar uma linguagem e forma mais acessíveis”. (p. 4</p>

<p><i>Tarocco (1999)</i></p>	<p>Compreender como o sujeito se constitui co-mo leitor, investigando a leitura de crianças, em seu cotidiano, suas práticas efetivas e as influências do contexto. (p. 15)</p>	<p>Educação</p>	<p>Bakhtin (diálogo), Freire (diálogo), Iser e Eco (leitor)  <i>Leit. extensiva e intensiva</i></p>	<p>A família é a principal mediadora na formação das atitudes fundamentais dos filhos com a leitura; escola exerce papel relevante, podendo ocupar papel central em algumas situações, quanto à formação do leitor. (p. 152)</p>	<p>Estudo de caso – a pesquisa qualitativa possibilita “focar a realidade com adequadas para captar, estudar e compreender o fenômeno envolvido na questão, isto é, a constituição do sujeito leitor”. (p. 21)</p>
------------------------------	---	-----------------	---	--	--

### 3. Objetivos e perspectivas das pesquisas

No primeiro grupo, da análise do que chamamos *práticas específicas de leitura*, nota-se que o mais evidente recorte dado à pesquisa de uma atividade de leitura, quanto aos seus objetivos, ocorre no trabalho de Cunha em sua vinculação com a educação feminina. Há certa similaridade entre o objeto (romance de série), principalmente, e as problemáticas das pesquisas de Silva e Dumont. O trabalho de Freitas singulariza-se por analisar (texto e recepção), de fato, um único livro (*O Alquimista*), procurando, a partir daí, compreender o êxito comercial de Paulo Coelho.

No segundo grupo, das *práticas de leitura de modo geral*, há também semelhança entre duas pesquisas, pois tanto Tarocco quanto Araújo voltam-se para a família e a escola, estudando, além disso, leitores em formação. Entretanto, o objetivo elaborado por Araújo é mais específico. Miranda focaliza o uso da escrita no cotidiano de moradores de uma Vila (favela). A já mencionada dificuldade em classificar o trabalho de Paulino neste ou no outro grupo diz respeito ao fato de que ainda que ocorra a análise de textos, estes são escolhidos e oferecidos pela



pesquisadora e o interesse principal desta estratégia é a *produção* de um modelo de legibilidade e, em conseqüência, de textos para leitores iniciantes. Portanto, não há uma análise, textual ou da recepção do leitor empírico, de uma prática usual, já que o interesse era estudar leitores sem *leituras literárias*<sup>1</sup>.

Quanto à caracterização da *perspectiva teórica base* dos trabalhos, ressaltamos a dificuldade ocorrida para que fosse estabelecida uma única fonte. Tentamos, no procedimento de classificação, articular este passo à verificação da construção da problemática de pesquisa em termos teóricos, aos autores mobilizados para tanto. Mas, ao mesmo tempo, percebe-se que as questões suscitadas exigiram o recurso a perspectivas interdisciplinares, o que se reflete no grande número de apropriações feitas pelos trabalhos. Há uma consciência geral sobre este aspecto, exemplificada em argumentações como a de Dumont (1998, 46): “Concebida como ação, e não como ato passivo, [a leitura] pressupõe uma abordagem interdisciplinar, pelas diversas facetas do processo dinâmico do ato de ler” ou de Paulino (1990, 21): “A leitura, pois, de qualquer ângulo por onde a enfoquemos, constitui um fenômeno que cuja complexidade exige uma interdisciplinaridade”.

Assim, devemos relativizar nossa escolha por uma única base teórica. Isso nos pareceu desejável, entretanto, para efeito de demonstração de campos nos quais desenvolve-se a pesquisa com leitores. Desta forma, o trabalho de Silva é colocado no âmbito da Psicologia Social, pela discussão, ainda que em nível elementar, de autores da área ou que representam contribuições nesta linha (como a psicanálise). Nota-se, porém, um caráter predominantemente extensivo no modo de leitura do autor, as apropriações são incidentais, tendendo ao descritivo. Pode-se dizer que uma junção de fichamentos acaba tomando o lugar de um trabalho teórico mais desenvolvido. Ocorrem, por vezes, incompatibilidade entre aportes teóricos diferentes<sup>1</sup>.

Cunha, ao contrário, utiliza-se com propriedade de autores da História Cultural, construindo um olhar sob este enfoque, sendo que, ademais, sua pesquisa sem dúvida está ligada a uma experiência de educação passada, num sentido peculiar e justificado (ver Cunha, 1995, 2-4). Da mesma forma, Dumont explicita claramente a opção pelo viés da Informação Social, que age como um catalisador de múltiplas contribuições – em geral, com adequado trabalho teórico, isto é, desenvolvendo os conceitos e justificando sua adoção no trabalho.

No trabalho de Freitas percebe-se uma dificuldade em construir uma problemática teórica, as citações ocorrem basicamente a título de informação ou, quando poderiam contribuir para

demarcar um ponto de vista, pecam pelo forte esquematismo e falta de problematização dos termos utilizados, quando não por uma interpretação discutível de certos autores<sup>1</sup>. Isso, a despeito de existência de uma bibliografia atualizada, pelo menos na área da leitura (Chartier, Darnton e outros).

Em Araújo e Tarocco a preocupação com a formação do leitor indicia o âmbito do estudo em Educação. No caso da primeira, como já afirmado, há uma delimitação bastante clara, sugerida pela teoria, no foco da pesquisa em relação aos vínculos entre as práticas de leitura na escola e na família, enquanto Tarocco parte de um horizonte mais amplo, para chegar ao espaço escolar. Observa-se um vínculo mais coerente entre quadro teórico e a investigação como um todo em Araújo, uma vez que os conceitos mobilizados são retomados com organicidade durante a pesquisa empírica. Embora haja a preocupação em delimitar conceitos, e discuti-los, Tarocco quase não retoma-os ao descrever e interpretar os dados da pesquisa, ponto ao qual voltaremos.

A pesquisa de Miranda apresenta uma interface com a Educação, a autora inclusive nota, ao apresentar as conclusões, que tem o professor como interlocutor (Miranda, 1991, 189), entretanto, a centralidade dada à cultura cotidiana, à interpretação contextual das práticas de escrita aloca o trabalho sobretudo no campo da Antropologia. O que não quer dizer que ele não traga contribuições para a Educação, mas sim que a análise se dá principalmente a partir do viés apontado. Cabe ainda notar que, assim como há um modo de leitura extensivo no trabalho, que demonstra múltiplas apropriações, existe uma preocupação da autora em justificar os aportes conceituais e discuti-los quanto à pertinência para a investigação, em suma, há uma leitura intensiva também, estruturalmente importante<sup>1</sup>. Neste e em outros aspectos, a pesquisa de Miranda é modelar.

Por fim, Paulino, no trabalho mais antigo do grupo, tendo como pressuposto a idéia que a leitura literária não ocorre no Brasil “porque nossa literatura desenvolve processos por demais rigorosos de seleção de leitores” (Paulino, 1990, 4), formula uma crítica a estes processos. Objetiva, a partir daí, configurar “uma teoria da leitura literária, através da integração das contribuições de várias áreas de reflexão” (Paulino, 1990, 61). Desta forma, são mobilizados várias contribuições – no âmbito da Teoria Literária, reconhece-se na “estética da recepção” um marco; a Psicolinguística colabora na questão da compreensão da escrita; a Sociologia literária francesa (Peyart) oferece um modelo de leitura literária a partir do lugar social do leitor, entre

outras. Entretanto, os enunciados da pesquisa centralizam a reflexão sobre a *leitura literária*, o que se reflete na pesquisa empírica.

#### **4. Para quê e como são mobilizados os “leitores empíricos”**

Preferimos retomar as conclusões dos trabalhos neste item, pois assim discutiremos a sua adequação quanto ao desenvolvimento integral da investigação, incluindo a pesquisa com leitores.

Há nas pesquisas analisadas, de modo geral, discussões sobre o “método técnico” – justificativas sobre a adoção do mesmo; critérios claros de amostragem quase sempre intencionais; discursos que articulam-no à teoria. No caso de Silva, porém, a maior parte deste critérios é apenas deduzida, e em Freitas a empiria toma o espaço da reflexão teórico-metodológica.

Neste trabalho há a única diferenciação quanto a forma de abordagem dos leitores, aproximando-o de uma mensuração quantitativa. Entretanto, a validade externa (generalização dos resultados) a propósito dos leitores é prejudicada, por vários motivos, por sinal, um deles é apontado pela autora. Trata-se do fato de que o universo de que se partiu foi composto por cadastros da editora e de Paulo Coelho, o que prejudica a possível representatividade da amostra. Freitas (1998, 72) apenas menciona esta questão sem discuti-la suficientemente quanto aos objetivos da pesquisa. O principal problema, porém, é a crença positivista na força dos dados “neutros” para configurar a problemática da investigação e, por isso, a falta de crítica das técnicas. Mesmo que em nível básico esta questão é central: sem isso, os dados “falam”, mas “significam” pouco. Com efeito, aparentemente com ou sem pesquisa empírica, a conclusão de Freitas seria a mesma. É uma pena que isso ocorra numa investigação em que é evidente o envolvimento da pesquisadora, que tem intuições pertinentes – por exemplo, sobre o papel dos editores na popularização de Paulo Coelho, assim como a própria idéia de investigar quantitativamente leitores<sup>1</sup>.

Este tipo de crítica à estratégia metodológica (sua baixa reflexividade) pode ser feito também à pesquisa de Silva, pois o objetivo de entender o fenômeno *social* da leitura do romance de série é frustrado por uma análise de recepção que se volta apenas para características *individuais* dos sujeitos. Os elementos de teoria que se esboçaram ao longo da pesquisa não são retomados na fase de interpretação dos dados. Assim, há uma clivagem entre a pesquisa empírica

e o todo, além disso, a análise de conteúdo do romance é prejudicada pelo impressionismo. Não por acaso, o modo predominante de leitura encontrado nos trabalhos de Freitas e Silva é extensivo. E, se ambos demonstram algum conhecimento da produção local sobre leitura, a apropriação é incidental.

A outra pesquisa que faz uma análise de conteúdo de material impresso é a de Dumont, sendo que a autora opta por examinar

*diversos exemplares de publicações em série, editadas em diferentes épocas, [...] [para] deduzir que existem indicadores, característicos da literatura de massa, sempre presentes e repetitivos, permitindo a identificação entre texto e leitor, que podem ser classificados como determinismos sociais.* (Dumont, 1998, 133)

As críticas que podem ser feitas a esta estratégia, que se dispersa quanto ao que é efetivamente lido, é que ela acaba ignorando a diversidade existente mesmo no seio da literatura de massa. E, principalmente, a análise textual encaminha-se para um nível genérico, sendo difícil acompanhar os procedimentos de interpretação. Ao contrário, existe uma preocupação em discutir e exemplificar questões ligadas à coleta e análise dos dados qualitativos obtidos dos leitores. A autora mostra igualmente ter mapeado o campo de estudos – merece destaque a atenção dada à produção local sobre leitura –, embora não atinja os desenvolvimentos teóricos latino-americanos sobre a questão da recepção e do popular (Martín-Barbero, García-Canclini e outros), que poderiam ser úteis na construção teórica do trabalho, que recusa os postulados “apocalípticos” frankfurtianos. Entretanto, a boa articulação entre teoria e dados faz com que as conclusões, de modo geral, se imponham. A pesquisa supera a mera descrição dos dados e atinge um nível interpretativo.

O mesmo pode ser dito da pesquisa de Cunha. Neste trabalho o uso de leitoras, para desvelar uma prática de leitura do passado, foi sem dúvida criativo e conseqüente. Entretanto, quanto à utilização da pesquisa empírica duas observações podem ser feitas: as vozes das leitoras poderiam ser *mais* utilizadas, em certas situações. Por exemplo, Cunha utiliza determinadas fontes (como matérias de jornal) para descrever o contexto no qual se dava o consumo de M. Delly (ver Cunha, 1995, 45-47); sem abandonar estas formas, ela poderia enriquecê-las pela triangulação com os depoimentos. A outra questão é quanto ao fato das informantes serem professoras. A escolha em si é interessante, dada a problemática, no entanto este aspecto foi

pouco explorado. Tais aspectos, porém, não invalidam esta contribuição a uma história das práticas de leitura no Brasil.

O uso da etnografia na pesquisa empírica de Miranda é singular, pelo grau de densidade apresentada, neste conjunto de trabalhos. Quanto a este aspecto merece destaque a discussão da integração da pesquisadora no grupo, tanto quanto a sua preocupação em compreender as conseqüências trazidas por isso. A consciência por parte da autora quanto a possível parcialidade e incompletude de seu relato é uma força de sua etnografia. Por outro lado, a observação é guiada por preocupações teóricas, que problematizam os dados, ou seja, existe um trabalho de interpretação que colabora com o desenvolvimento de hipóteses teóricas sobre o objeto em estudo. Dessa forma, já no início da década de 90, obtivemos um conhecimento sobre a *variedade* de práticas de escrita em meios populares muito importante, e alheia ao senso comum. Entre as conclusões deste trabalho encontram-se também as recomendações ainda válidas de que

*é preciso articular projetos de pesquisa, desse teor, com mais pesquisadores e melhor infraestrutura, outrossim, há problemáticas que podem ser recortadas num limite menor o que permitirá, num conjunto maior de pesquisas, uma visão mais ampla e mais consistente.* (Miranda, 1991, 196)

Salientamos este ponto pela implicação que ele parece demonstrar face ao conjunto de trabalhos analisados. Pode-se dizer que os mais bem-sucedidos conseguem delimitar melhor a área de estudos do que os que se dispersam excessivamente. Por outro, o trabalho de Araújo, sem dúvida, dá continuidade à linha de preocupação de Miranda aproveitando-se dos resultados desta pesquisa e aprofundando-os num contexto específico. Assim, nesta pesquisa, o estudo de caso proposto é desenvolvido com rigor e concentração, a partir de uma problemática teórica definida, o que faz com que as conclusões remetam logicamente ao estado de conhecimento da área. É isso que faltou ao trabalho de Tarocco, no qual a despeito da discussão de conceitos que poderiam ser mobilizadas na interpretação dos dados, manteve a análise basicamente no nível descritivo (sem integrá-la ao plano teórico). Dessa forma, não se atingiu a proposta de “descrição densa” (Geertz), que é interpretativa. A conclusão praticamente retoma idéias já consolidadas na área, a despeito de uma grande trabalho na coleta de dados (que poderão ainda ser melhor analisados) e da proposta interessante de trabalhar com famílias de nível socioeconômico variado.

Paulino talvez tenha sido a autora com a proposta mais audaciosa quanto à colaboração da pesquisa para seus objetivos – que implicitamente postulam a constituição de uma teoria literária de foco mais amplo. No entanto é possível questionar, como é feito numa menção tão breve quanto válida de Dumont, o fato de que, na pesquisa empírica, “a autora indica os livros aos leitores pesquisados, não trabalhando com textos por estes escolhidos” (Dumont, 1998, 151). Isso está relacionado, no nosso entender, à definição de *leitura literária* adotada, que rejeita a literatura de massa, ainda que se afirme o potencial histórico e contextual da leitura, ou seja, a parcialidade da interpretação e a especificidade do leitor (cf. Paulino, 1990, 24-28). O resultado é uma contradição, cuja resolução é dada, exteriormente, pela proposta de constituição de uma outra literatura.

Assim, o impasse teórico, complexo, – como alargar as fronteiras do que entendemos como experiência literária (no plural) sem diluí-la – detectado pelo trabalho não se encaminha para uma resolução em seus próprios termos. É por isso também que nas duas pesquisas feitas pela autora<sup>1</sup>, não se percebe interesse maior em indagar se os indivíduos pesquisados têm *alguma* leitura que possa constituir um tipo de experiência literária.

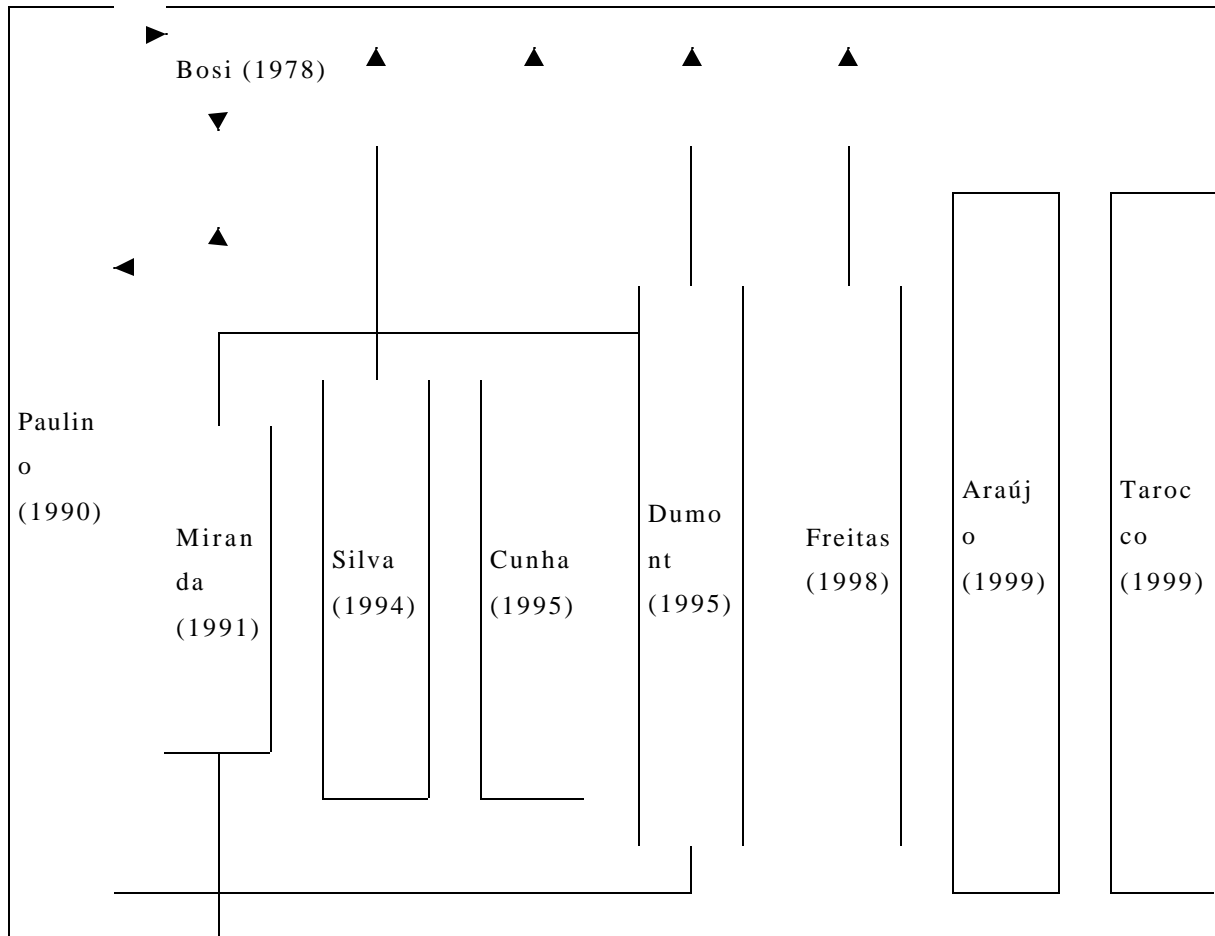
Assim, as pesquisas empíricas mantiveram-se num plano da verificação de hipóteses sobre a legibilidade literária, detendo-se principalmente na sintaxe narrativa, sem a profundidade requerida pelo estudo de caso, a “concretude” da existência dos sujeitos é recuperada num nível muito parcial. Isso não invalida conclusões (sobre a legibilidade) do estudo, mas o impasse teórico permanece.

## 5. Considerações finais

Observando-se os usos do leitor empírico nos trabalhos citados, percebemos uma grande variedade: problemáticas sociológicas, históricas, relativas à educação e ao âmbito literário foram construídas e utilizaram esta estratégia de pesquisa. Verificou-se ainda (ver quadro abaixo) que o “mosaico científico”<sup>1</sup> (Becker, 1992) já configurado pelas remissões dos trabalhos entre si possui baixa integração. Isso deve ser lamentado, no mínimo, pelo fato observado em nossa leitura dos trabalhos de que algumas remissões traduziram-se em tomadas de posição e reflexões importantes nas pesquisas arroladas (ver principalmente a discussão do trabalho de Bosi em Paulino, 1990, 79-81, ou as retomadas de argumentos de Miranda por Araújo, 1999, 60, 113, 124,

136-141, 162, 175). Em muitos casos, entretanto, a citação é informativa ou protocolar (o “clássico de Bosi, etc.”).

**Quadro III - Remissões entre os trabalhos citados**



A futura incorporação desta produção, para produzir avanços na área, deve passar pela avaliação crítica dos trabalhos, que, como procuramos mostrar, talvez mais sinteticamente que necessário, possuem qualidades. E mesmo em suas limitações apontam para questões relevantes.

Uma última questão: do ponto de vista da comunicação, o que estes trabalhos nos dizem?

Falam, no mínimo, por um lado, de uma falta: baixa atualização, na pesquisa em leitura, quanto aos autores da comunicação preocupados com o receptor<sup>1</sup> (entre outros, Orozco, Martín-Barbero), o principal diálogo com a área, tanto nos trabalhos vindos dela (Silva e Dumont),

quanto de fora (Paulino, Freitas) é com autores da escola de Frankfurt. De outro, de similaridades: apontam para autores (como Chartier, Darnton, Bakhtin e Geertz) ou metodologias (etnografia, estudo de caso, o “qualitativo” de modo geral) que têm sido apropriados na pesquisa em comunicação. Estes dois aspectos podem ser pontos de debate nos quais o intercâmbio se estabeleça. Menos óbvios, mas não menos importantes, do que as próprias contribuições trazidas por estas pesquisas.

### Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Maria Jaqueline de G. M. de. 2000. Práticas de leitura na escola e nas famílias em meios populares. *23<sup>a</sup> Reunião Anual da Anped*. GT Alfabetização, Leitura e Escrita. Disponível em: <http://www.anped.org.br/1022t.htm>.
- \_\_\_\_\_. 1999. *Práticas de leitura na escola e nas famílias em meios populares*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FAE - UFMG.
- BECKER, Howard. 1999 (1<sup>a</sup> ed.: 1992). A história de vida e o mosaico científico. In: *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 4<sup>a</sup> ed., pp. 101-115.
- BOSI, Ecléa. 1991 (1<sup>a</sup> ed.: 1978). *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*, Petrópolis: Vozes, 8<sup>a</sup> ed.
- CUNHA, Maria T. S. 1995. *Educação e sedução: normas, condutas, valores nos romances de M. Delly*. Tese de doutorado: FE-USP.
- \_\_\_\_\_. 1999. *Educação e sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica.
- DARNTON, Robert. 1990. *O beijo de Lamourette*, São Paulo: Companhia das Letras.
- DUMONT, Lígia M. M. 1998. *O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ/IBICT.
- FERREIRA, Norma S. de A. 1999. *Pesquisa em Leitura: um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995*. Tese de doutorado. Campinas: FAE-UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. 1999a. *Leitura no Brasil: catálogo analítico de dissertações de mestrado e teses de doutorado: 1980-1995*. Campinas: FAE - UNICAMP.



- FREITAS, Otacília R.. 1998. *Um best-seller na mira do leitor: “O Alquimista”, de Paulo Coelho*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH-USP.
- JENSEN, Klaus B. 1993. El análisis de la recepción de masas como producción social de significado. In: JENSEN, Klaus B. e JANKOWSKI, Nicholas W. (eds.), *Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas*. Barcelona: Bosch Casa Editorial, pp. 165-180.
- LOPES, Maria Immacolata V. (coord.). 2001. *A produção (teses e dissertações) dos programas de pós-graduação em Comunicação*. Vol. III do relatório da pesquisa NUPEM/COMPÓS - “Avaliação dos Egressos dos Programas de Pós-graduação em Comunicação no Brasil”. São Paulo: CNPq. Disponível: em <http://www.compos.org.br>.
- \_\_\_\_\_. 1990. *Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo metodológico*, São Paulo: Loyola.
- MIRANDA, Marildes M. 1992. Os usos da escrita no cotidiano. *Leitura: Teoria e Prática*, Campinas: Mercado Aberto/ALB, ano 11, nº 20, pp. 17-33.
- \_\_\_\_\_. 1991. *Os usos sociais da escrita no cotidiano de camadas populares*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FAE - UFMG.
- PAULINO, Maria das Graças R. 1990. *Leitores sem textos*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Fac. de Letras: UFRJ.
- PEREIRA, Gilson R. de M., CATANI, Denice B. e CATANI, Afrânio. 2000. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro. *23ª Reunião Anual da Anped*. GT Sociologia da Educação. Disponível em <http://www.anped.org.br/1401t.htm>.
- ROMANCINI, Richard. 2000. Literatura e leitura popular... Paulo Coelho?, *Anais do XXIII Congresso da Intercom*, Manaus: Intercom, CD.
- \_\_\_\_\_. 2000a. À procura dos leitores: descrição do início de uma pesquisa de campo. *Revista Administração on line*. FECAP. Volume I, nº 3, jul/ago/set. Disponível em [http://www.fecap.br/adm\\_online/art13/richar.htm](http://www.fecap.br/adm_online/art13/richar.htm).
- SARLO, Beatriz. 1985. *El imperio de los sentimientos*, Buenos Aires: Catálogos Editora.
- SILVA, Paulo Sérgio. 1994. *As leitoras indiscretas visitam as bancas*. Dissertação de mestrado. São Paulo: ECA-USP.**

**TAROCCO, Regina Barra. 1999. *Leituras e leitores: a magia da letras, imagens e vozes*. Juiz de Fora: FEME**

**VARELLA, Mirta. 2000. *De las culturas populares a las comunidades interpretativas. Dialogos de la Comunicación*, Lima: Felafacs.**

ZILBERMAN, Regina. 1989. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática.

<sup>1</sup> Trata-se de uma pesquisa com leitores de Paulo Coelho, detalhes em Romancini (2000 e 2000a).

<sup>1</sup> Conforme mostra Zilberman (1989, 11-28), correntes como o estruturalismo tcheco, o reader-response criticism e a estética da recepção (Jauss) ou do efeito (Iser) preocupam-se também com o leitor, no entanto este é uma construção intratextual, ao contrário, geralmente, da sociologia da leitura. É pertinente, porém, apontar para o trânsito de conceitos, como os de “horizonte de expectativa” (Jauss), “comunidade interpretativa” (Fish), destas tradições mais voltadas ao texto para investigações de enfoque sociológico e/ou empírico. Este movimento não se dá sem risco ou de modo simples – retirados de seus contextos epistemológicos originais, tais conceitos exigem reconfigurações e cuidados na sua utilização em objetos e com objetivos não contemplados pelo campo de origem. Um exemplo claro é o uso produtivo que Sarlo (1985) faz do conceito de “horizonte de expectativa” no estudo da recepção de novelas populares argentinas, que estariam desde logo fora da preocupação da estética da recepção. Nesta, a reconstituição de tal horizonte serve a uma delimitação do valor de uma obra literária, medida pelo distanciamento entre o horizonte de expectativas do público e a obra. A “literatura culinária” está francamente fora dos planos da estética da recepção. Outro exemplo, aparentemente mais problemático, é o uso do conceito de “comunidade interpretativa” nos estudos em comunicação (cf. Varella, 2000).

<sup>1</sup> Casos de ABDALLA, Clarice V. C. 1995. *Partilhando saber: um estudo etnográfico sobre uma comunidade de leitoras*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação – PUC-RJ e ZEN, Maria Isabel H. D. 1991. *Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem*

*lingüística, psicológica e social*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Faculdade de Educação – UFRGS.

<sup>1</sup> Por exemplo, STRÔNGOLI, Maria Thereza Q. G. 1985. Lembranças de leituras de idosos em sua infância e juventude, confrontadas com a dos jovens de hoje. *Leitura: Teoria e Prática*, Campinas: Mercado Aberto/ALB, ano 4, nº 5, pp. 44-47. Apesar de não abordarmos tal trabalho (que, como os demais não apropriados diretamente, não foi inserido nas Referências bibliográficas) salientaríamos a criatividade teórico-metodológica desta pesquisa, ao abordar a leitura a partir dos ângulos da memória dos idosos e dos dados obtidos dos jovens.

<sup>1</sup> A propósito disso, agradecemos às professoras Maria Ataíde Malcher (Faculdade Domus) e Márcia Abreu (UNICAMP).

<sup>1</sup> Quanto ao primeiro tipo, há o trabalho de Silva (1994), a seguir abordado, e o de BRAGANÇA, Aníbal F.A. 1995. *Livraria Ideal: a trajetória de um imigrante italiano, de engraxate a livreiro (1935-1966)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: ECA-USP, que poderia ser incluído no foco sobre a “memória da leitura, do leitor e do livro”. Fora da área da comunicação, há ainda a pesquisa de Cunha (1995), também analisada a seguir. Já quanto ao segundo grupo (de não inclusão no universo de Ferreira devido ao critério adotado) a pesquisa NUPEM/COMPÓS indica, entre outros, trabalhos como os de SILVA, Kátia Maria de C. 1995. *A Cidade das Revistas: Imprensa feminina no Rio de Janeiro, anos 20*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, e de WYLER, Lia Carneiro da C. A. 1995. *A Tradução no Brasil*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro. ECO-UFRJ.

Uma análise preliminar dos dados da pesquisa NUPEM/COMPÓS indica que há 57 trabalhos (39 dissertações e 18 teses) que voltam-se ao campo da Produção Editorial (21 trabalhos), do Livro/Impresso (21) e da Leitura (15), o que representa 5,4% da produção dos Programas de pós-graduação em comunicação entre 1994-1998. O que é interessante ressaltar aqui, além da diversidade desta produção, e o número de trabalhos, como os citados acima, que poderiam ser agrupados em levantamentos mais amplos sobre a pesquisa em leitura.

<sup>1</sup> Um artigo da revista *Leitura: Teoria e Prática* resume um capítulo deste trabalho, ver Miranda, 1992.

<sup>1</sup> Publicado pela editora Autêntica, com modificações para o formato livro, ver Cunha, 1999.

<sup>1</sup> Há um artigo, disponível pela Internet, que resume aspectos deste trabalho, ver Araújo, 2000.

<sup>1</sup> No caso deste trabalho, infelizmente, não tivemos acesso à dissertação, somente ao livro produzido a partir da mesma (ver Tarocco, 1999). Os problemas principais foram relativos à impossibilidade de saber se ocorreram acréscimos ou supressões e também os descuidos da edição (falta de textos de notas, ausência ou erro em referência bibliográfica). Há uma síntese desta pesquisa em <http://www.powerline.com.br/jung/link809.htm>.

<sup>1</sup> Os termos leitura “intensiva” e “extensiva” guardam apenas analogia com o uso, efetivamente teórico e descritivo, usual. Cabe então notar, para dar mais clareza à classificação, que o caráter “extensivo” do modo de leitura (apresentado em todos os trabalhos) remete não só ao vasto número de autores citados, mas também ao fato de eles são de diferentes âmbitos teóricos/disciplinares. Assim, observa-se que nenhuma das pesquisas abrange apenas um universo temático, muito menos são trabalhos monográficos, que admitiriam – por isso, grifamos o termo *sobretudo* – o agenciamento de *várias obras de um mesmo autor* e títulos de comentadores. Em outros termos, a “extensividade” é francamente horizontal. Por outro lado, a leitura “intensiva” caracteriza-se por “apropriações conceituais”, isto é, incorporações onde se dá maior ênfase ao trabalho com os conceitos dos autores citados, estabelecendo um diálogo com os mesmos, por vezes, visando uma superação da visão proposta, enquanto as “apropriações incidentais” remetem a menções breves, ou mais longas mais de caráter descritivo, geralmente procurando referenciar informação, reforçar argumentos ou mapear o campo de estudo. Retomaremos a idéia de modo de apropriação ao descrever o uso da pesquisa local sobre a leitura em cada um dos trabalhos. Devemos a idéia do uso do termo “apropriação” (Chartier), neste sentido, ao trabalho de Pereira et al. (2000), que, ao analisar a recepção de Bourdieu no Brasil, diferenciam apropriações “incidentais”, “tópicas” e ainda “do modo de trabalho” deste sociólogo, nos trabalhos por eles analisados.

<sup>1</sup> Foi esta razão que nos fez desistir de aplicar o modelo metodológico proposto por Lopes (1990) às pesquisas. Além disso, nosso objetivo de verificar e discutir o modo como são utilizados os leitores empíricos nas pesquisas é mais limitado. Porém, aspectos discutidos pela autora estiveram presentes durante o desenvolvimento deste texto, destacamos, neste sentido, a adequação entre teoria-metodologia-objeto e a necessidade que o pesquisador tem em justificar suas tomadas de decisão, enquanto elementos essenciais da produção científica (cf. Lopes, 1990, 88-90).

<sup>1</sup> O sentido que a autora dá a esta expressão é o que integra, além do “pacto discursivo”, que institui a ficcionalidade, outros dois “elementos mínimos”: “o envolvimento verbal prazeroso e a co-produção de sentidos outros, transformadores dos já normalizados na tessitura social dos discursos, que preside as interferências pessoais” (Paulino, 1990, 7-8).

<sup>1</sup> Assim, se é enunciada, a partir de Lopes (1990), a relevância do estudo do modo como as culturas subalternas conformam a indústria cultural no caso brasileiro e, a seguir, sejam feitas críticas ao pensamento dos frankfurtianos (cf. Silva, 1994, 15-16), surpreendentemente, logo depois, o autor afirma que: “A extensão e a influência que a cultura de massa exerce sobre a platéia visa somente a afirmar e preservar o *status quo*” (Silva, 1994, 18), ou retoma, com ênfase, idéias de Adorno sobre o prazer (alienado) proveniente da cultura de massas (Silva, 1994, 37).

<sup>1</sup> Talvez o exemplo extremo: “Eu acreditava na massa dos leitores como força propulsora, geradora de mudanças sociais. E confirmava minhas preocupações lendo, dentre outros autores, os teóricos da Escola de Frankfurt e, finalmente, Jean Baudrillard através de seu livro *À sombra das maiorias silenciosas*” (Freitas, 1998, 11).

<sup>1</sup> Entre outros exemplos, a discussão sobre “classes populares” e “cultura” ou quanto ao “clientelismo” como sistema de relações sociais existente na Vila (cf., respectivamente, em Miranda, 1991, 14-23 e 69-70).

<sup>1</sup> Este último ponto, somado à constatação da hegemonia qualitativa verificada, merece debate: a abordagem qualitativa estaria se transformando numa “solução à procura de problemas”? Em outros termos, não construímos conhecimentos relevantes sobre a leitura com base em dados quantitativos não somente por critérios epistemológicos, mas também pela dificuldade em fazê-lo (em razão dos custos da pesquisa, da ausência de uma competência específica, isto é, de formação dos pesquisadores para tanto)? Em princípio, os objetivos da maioria das pesquisas (“entender”, “avaliar”, “estudar”), parecem indicar acerto na escolha de metodologias qualitativas – voltadas à compreensão, procura do significado em contexto. Isso, porém, não resolve plenamente às questões. Ademais, com a precaução necessária, nada impediria projetos com metodologias integradas.

<sup>1</sup> A primeira pesquisa teve como objetivo “detectar as razões textuais da consecução ou recusa da leitura literária de ficção pelo leitor de poucas letras” (Paulino, 1990, 100), e utilizou os livros, *Feliz ano velho* e *A lâmina do espelho*, cuja recepção foi analisada. Já a segunda, foi realizada em função do problema representado pela interrupção da leitura, por muitos leitores, dos livros

citados. Foi então criado um conto, a partir dos critérios teóricos sobre legibilidade e adequação temática ao leitor visado, que foi motivo de investigação, utilizando-se questionários fechados e, depois, entrevista aberta (cf. Paulino, 1990, 135-161).

<sup>1</sup> A analogia construída por Becker refere-se à possibilidade de que, em um campo de estudo, diferentes pesquisas possam colaborar para elucidar determinadas áreas, de modo a, assim, esclarecer o problema mais amplo. Ao mesmo tempo, acrescentamos que isso cria a possibilidade de uma criticidade interna que pode influir na discussão sobre a validade do conhecimento gerado e no direcionamento da produção.

<sup>1</sup> Uma exceção, em parte, é o trabalho de Miranda que se apropria de LEAL, Ondina Fachel. 1986. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, trabalho de âmbito antropológico, mas influente nos estudos em comunicação e que compartilha preocupações da área.